

## São Paulo, “Poeta da Loucura”, na visão de Teixeira de Pascoaes

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristo, São Paulo, Fé, Amor, Lei mosaica, loucura.

**KEYWORDS:** Christ, Saint Paul, Faith, Love, Law of Moses, insanity / mania.

Em 1934, com 57 anos, Teixeira de Pascoaes (n. 1877) inaugura uma nova fase na sua já longa carreira literária, iniciada aos 18 anos com a publicação de um volume de poesia, intitulado *Embriões* (1895), obra que, aliás, acabará por enjeitar e tentar “riscar do mapa”, de tal maneira que “parece ter queimado todos os exemplares que pôde, nunca se referindo a este livro”, observa Maria das Graças Moreira de Sá (Sá, 1999: 11). Segue-se *Sempre* (1898) que marcou a sua consagração como poeta, e, até 1912, publica fundamentalmente poesia. Em 1914, é editado *Verbo Escuro*, prosa poética que se tornará o meio de expressão que mais marcará a sua escrita, daí em diante (Cf. Sá, 1999: 22).

Como afirmará o escritor, “a Poesia é o reino da Verdade, como a Realidade é o da Ciência” (Pascoaes, 1959: 11). E, assim, a poesia, com todo o potencial expressivo que detém, não poderia deixar de impor presença em toda a sua obra em prosa.

Atente-se neste excerto do *São Paulo*: “O gesto da criança e o do anjo confundem-se na mesma quimérica realidade, que é a matéria ilusória em que se modelam os risos e as estrelas, a mesma chama abrasadora e reflectida, – vã. Cada coisa não existe em si [...]” (*ibid.*: 71).

Ou então, nesta descrição da figura de uma emissária do apóstolo, diaconisa da igreja de Cenchris, encarregada de levar ao destino a Epístola aos Romanos: “Febe parte [...]. Pousam-lhe na trança e fogem aquelas borboletas brancas da negra tempestade” (*ibid.*: 189).

Ou, ainda, quando nos transporta até ao bairro pobre de Roma onde, sob Nero, deflagrou o incêndio: “O desejo dos inquilinos transmitiu-se aos edifícios, que não são, como os templos e os palácios, de mármore insensível, mas de madeira que foi árvore, na Primavera. Lembra-se de florir, e desentranha-se outras pétalas vermelhas” (*ibid.*: 313).

No domínio da prosa, Pascoaes publicou, também, textos de carácter político, social e de crítica (estes últimos, sobretudo, a partir da sua ligação à revista *Águia*, de que foi diretor literário) e outros de carácter especificamente filosófico, sendo certo, porém, que a filosofia irrompe, irreprimível, em todos os géneros que cultivou: a cada passo somos surpreendidos por originalíssimos aforismos.

No ano de 1934, o escritor dá, pois, início a uma nova fase na sua produção escrita, com a publicação de uma série de biografias, a primeira das quais foi *São Paulo*, a que se seguem *São Jerónimo e a Trovoada* (1936), *Napoleão* (1940), *O Penitente* (*Camilo Castelo Branco*) (1942) e *Santo Agostinho* (1945).

Estes textos assumem, à semelhança de *Regresso ao Paraíso* e de *Marânus*, características de narrativa épica, pois que no seu cerne se encontra a viagem – física ou espiritual – de um “herói”, quer no sentido de uma progressão ascendente, caso de Paulo, Jerónimo e Agostinho, em direção à santidade, ou descendente, como Napoleão e Camilo, acabando o primeiro, derrotado, no exílio, e suicidando-se o segundo.

Tem-se falado, a este propósito, num processo de heteronímia, ao jeito de Pessoa; porém, parece-me mais exato falar-se, no que concerne a cada uma das figuras escolhidas, de uma espécie de *alter ego*, com quem Pascoaes comunga num ou outro aspeto da sua personalidade ou história de vida. Que se trata de biografias romanceadas é certo; que se trata de um narrador em grande parte omnisciente, também, quando descreve com grande assertividade o que se passa no íntimo dos seus “heróis”; e ainda é de admitir que o autor projetou uma parte de si mesmo no retrato que traça das figuras. Mas estas não foram criações *ex nihilo*: baseiam-se em personagens históricas que suscitaram a empatia do biógrafo pelo conhecimento que sobre elas lhe foi dado obter.

Concretamente no caso do *São Paulo*, Pascoaes segue de muito perto os Actos dos Apóstolos, colhendo igualmente óbvia inspiração nas Epístolas do apóstolo, sobretudo nas duas Epístolas aos Coríntios.

Lamentavelmente, não sabemos a que outras fontes, além destas, teve acesso: os evangelhos apócrifos, como o de Tomé? Fábio Josefo e as suas *Antiguidades Judaicas*? Eusébio de Cesareia e a sua *História Eclesiástica*, na qual reproduz farta documentação alheia que, se não fosse ele, estaria hoje irremediavelmente perdida, como no caso de Dionísio, o Areopagita? São Jerónimo (Hieronymus) e o *De Viris Illustribus*? Ou ainda a qualquer outra das várias obras de que existe menção?

Terá sido à *História Eclesiástica* e à seguinte passagem que Eusébio reproduz, atribuindo-a a Hegesipo, que o autor do *São Paulo* foi buscar inspiração para a comparação de que se serve para depreciar o imobilismo contemplativo de Tiago?

Somente a ele [Tiago] era permitido entrar no santuário, pois não vestia lã, mas linho. E somente ele penetrava no templo, e ali se encontrava ajoelhado e pedindo perdão por seu povo, tanto que seus joelhos ficaram calejados como os de um camelo, por estar sempre ajoelhado adorando a Deus e pedindo perdão para o povo. (Hegesipo, *apud* Eusébio, Livro II, Cap. XXIII, 6)

Eis a versão de Pascoaes:

Tiago olhou Paulo, desconfiado, antipatizando, todo metido na sua santidade seca de judeu, mais amante da Lei que do Irmão. Sempre no templo, ajoelhado no mármore, a pedir a Deus pelo seu Povo, criara calos nos joelhos, como os camelos, que recebem a carga, ajoelhados, na mesma atitude humilde e penitente, de quem reza.” (Pascoaes, 1959: 57-58)

Mais adiante repete a mesma ideia: “Tiago a rezar no templo, judeu, desde as raízes do cabelo até aos calos que lhe endurecem os joelhos” (*ibid.*: 106).

O conhecimento das fontes permitir-nos-ia avaliar até que ponto o biógrafo usou da sua liberdade criadora apenas para dar asas à imaginação, ou se colocou a ênfase em alguns factos com o intuito de reforçar as suas próprias convicções, como no caso da rejeição da Lei mosaica, que no caso do apóstolo tem nuances que a amenizam, deixando bem claro que o mal não reside nela (“Por conseguinte a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom [...]” [Epístola aos Romanos, I: 7.12]) mas, apenas, nas pessoas que se contentam com o seu cumprimento estrito, negligenciando o fundamental que é a Fé e o Amor a Cristo e ao Irmão.

Por outro lado, possíveis desconformidades de factos apresentados na biografia com a narrativa bíblica podem ser causadas, simplesmente, devido a falta de clareza do texto das Escrituras, nomeadamente no que se refere aos nomes. O próprio apóstolo tem disso consciência, quando clarifica, por exemplo, na Epístola aos Gálatas: “Outro apóstolo não vi, além de Tiago, o irmão do Senhor” (GL 1:19). Este é, aliás, frequentemente identificado, também, como Tiago, o Justo: “Sucessor na direcção da Igreja é, junto com os apóstolos, Tiago, o irmão do Senhor. Todos dão-lhe o sobrenome de «Justo», desde os tempos do Senhor até os nossos, pois eram muitos os que se chamavam Tiago” (Hegesipo, *Memórias*, Livro V, *apud* Eusébio, *História Eclesiástica*, Livro II: XXIII. 4). A identificação do apóstolo São Pedro com Cephás (nome aramaico que se traduz em grego por Pedro), que São Paulo enfrentou acusando-o de hipocrisia, é desmentida (segundo o que diz a *História Eclesiástica*, Livro I: XII. 2) por Clemente, no Livro V das *Hypotyposesis*.

Mas, não apenas a homonímia, propicia confusões: passagens há que, sendo enigmáticas, têm suscitado larga especulação, como é o caso da seguinte afirmação de São Paulo na segunda Epístola aos Coríntios:

E porque essas revelações eram extraordinárias, para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: “Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza”. (2 Cor 12:7-9)

Para alguns comentadores, o espinho referido por Paulo constitui uma metáfora das dificuldades que a doença colocava à sua missão apostólica (Cf. *Bíblia Sagrada* cit., nota 7-10 a 2 Cor 12:7-9). Contudo, a obscuridade da frase tem permitido diversas outras interpretações.

Devo ao Doutor Mário Cabral, autor do livro *Via Sapientia – da filosofia à santidade*, a quem manifestei a minha perplexidade perante a afirmação do apóstolo, a gentileza de me

ter transmitido uma outra hipótese de explicação, adiantada pelo Padre Jerome Murphy-O'Connor na obra *Paulo*, de “que, por espinho na carne, Paulo se refira à oposição ao seu ministério, desde o interior do movimento de Jesus. A sua menção a «um mensageiro de Satanás» implica uma fonte externa e pessoal de dor, que, anteriormente, tinha identificado com «os servos de Satanás» (2 Cor 11, 14-15), isto é, os seus adversários antioquenhos em Corinto. No Antigo Testamento, «os espinhos» são uma metáfora para designar os inimigos de Israel, quer interiores (Nm 33,55), quer de fora (Ez 28,24)”.

Ora Pascoaes atribui à frase o sentido da tentação da carne e associa-o a uma atração que nele teria despertado Lídia, a vendedeira de púrpura, a qual, nos Actos dos Apóstolos, apenas é mencionada com um relevo que não excede em importância outras convertidas e adjuvantes da ação evangelizadora do apóstolo, como Cloe ou Febe. Inclusivamente, na Epístola aos Filipenses, o apóstolo, além de agradecer a ajuda que lhe enviaram, faz uma recomendação a respeito de Evódia e Síntique, para que parem com discórdias, e não faz qualquer menção individualizada a Lídia (Fl 4: 2 e 14-20).

Veja-se como Lucas descreve o encontro, nos Actos dos Apóstolos:

No dia de sábado, saímos fora de portas, em direcção à margem do rio, onde era costume haver oração.

Depois de nos sentarmos, começámos a falar às mulheres que lá se encontravam reunidas. Uma das mulheres chamada Lídia, negociante de púrpura, da cidade de Tiatira e temente a Deus, pôs-se a escutar. O Senhor abriu-lhe o coração para aderir ao que Paulo dizia. Depois de ter sido baptizada, bem como os de sua casa, fez este pedido: ‘Se me considerais fiel ao Senhor, vinde ficar a minha casa.’ E obrigou-nos a isso. (Act 16:13)

A partir desta informação que, no texto bíblico, parece ser apenas mais um entre os muitos episódios que atravessam o percurso evangelizador do apóstolo, Pascoaes constrói uma história comovente de renúncia e sublimação do sentimento amoroso, que é bem um exemplo da mestria com que o autor maneja a linguagem e dá expressão poética aos sentimentos:

Estavam na sinagoga [nas margens de um pequeno rio] várias mulheres e uma, diferente das outras, que, à primeira vista, se notava. Era Lídia, vendedeira de púrpura e natural de Tiatira [...]. Lídia, ouvindo Paulo, é como se ouvisse a voz do seu próprio coração. Aquele silêncio que a afligia, aquela angústia de muda, dissipou-se. Que deslumbramento! A alma subiu-lhe toda à flor do rosto, numa onda de alegria! Paulo ficou envolto naquela divina claridade, como Lídia ficou enlevada na palavra divina do apóstolo. Era ele, o sonhado, o eleito, o esposo. E o que ela deseja, agora, é a sua presença para sempre: *Vinde, entrai em minha casa!* [...]

[Lídia] Apareceu-lhe [a Paulo] como ninguém, na terra, lhe aparecera ainda, mas como certas coisas nos aparecem; por exemplo, a primeira flor da Primavera, na borda dum caminho. Na realidade, não vemos a flor, mas a deusa Flora. Assim, Paulo não viu, em Lídia, a mulher, mas o anjo da Beleza. É ela, a cristã, temente a Deus, a nova irmã, e outra Lídia que aparece a outro Paulo, esse que traz um espinho cravado na carne, por um demónio. *Três vezes pedi a Deus que me libertasse dele. E Deus me disse: Basta-te a minha graça, que o meu poder realiza-se na fraqueza.* (Pascoaes, 1959: 127-128)

Estes excertos ilustram bem o movimento de aproximação/afastamento com que o biógrafo de São Paulo interage com o texto sagrado e que o próprio desvenda claramente no prefácio: “Vamos acompanhar S. Paulo, durante os anos em que ele andou na terra. Desejaria mostrá-lo a uma luz que, revelando as figuras, completa-as. Não as cria, porque o seu esboço perde-se na origem das coisas; dá-lhes a última demão, o traço geral que define, sem limitar” (*ibid.*: 11).

Seja como for, heterónimos ou alter egos, não podemos deixar de reconhecer, no processo, uma vontade de afirmar e dar corpo a uma multiplicidade explosiva do eu, que Paulo Borges, em *O Jogo do Mundo*, identifica, nomeadamente, em Pascoaes, e também em Antero, Pessoa, Agostinho da Silva e Leonardo Coimbra, como “influxos do que, genericamente, poderíamos designar de tradição oriental”. Este último, aliás, verbaliza essa aspiração em *Pensamento Criacionista*, com a seguinte afirmação “«Ah ! Se eu fosse muitos!» da «poesia religiosa da Índia»” (Cf. Borges, 2008: 20-21 e nota 4).

É Pascoaes ele próprio quem nos fornece a chave da escolha destas figuras em que a sua escrita genial se focou:

São Paulo [...] Foi a *alma-mater* de todas as almas, para as quais o Universo sem Deus é um zero tão grande como inútil. Dela descendem os santos e poetas da Loucura: Santo Agostinho, S. Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila, que divinizou o amor humano, e Soror Mariana que humanizou o amor divino. Teresa, como Quixote, é filha do deserto castelhano. O deserto queima e purifica. Mariana viveu no ermo lusitano, aquecido e perturbante. No deserto, a sensualidade faz-se misticismo. No ermo, o misticismo embrandece, decaindo. (Pascoaes, 1959: 22)

Diz o narrador do *São Paulo*, interpelando o biografado:

“Foi o teu destino de apóstolo, foi esse excesso de furor, que te precipitou no crime e no remorso, na acção criadora e redentora. O pecado é que é fecundo. O seu vulto é carnal e de mulher. Das suas tetas mana o leite da vida, que se espraia na abóbada nocturna. Mas a virtude é estéril na sua beleza, corpo de santa ressequido em Deus, múmia de altar”. (*ibid.*: 45)

E há vestígios do amor/paixão divino na figura feminina de que Santa Teresa de Ávila é paradigma, nesta afirmação: “[Paulo] Lá vai, sòzinho, [...] perseguido por espectros: o ódio, o remorso, e um vulto de mulher em delírio, que é a sua paixão por Jesus Cristo” (*ibid.*: 139).

Mas, como observa António Cândido Franco, “O pensamento paradoxal de Pascoaes não podia aceitar, e isso desde o *São Paulo*, que a sua literatura hagiográfica fosse apenas afirmativa, precisava de lhe dar uma dimensão afirmativamente negativa” (Franco, 2000: 186). E, seguidamente, enumera os “santos pecadores” que constituem aquilo que designa como “o hagiológico privado” do autor, de acordo com as reflexões deste último no *Santo Agostinho* (Pascoaes, 1945 : 48). Escreve António Cândido Franco:

Pascoaes começou por ter um hagiológico privado, todo ele feito de santos pecadores – em que se salientam Madalena que foi prostituta e cortesã, Paulo que lapidou Estêvão, Jerónimo que lia Cícero, Agostinho que defendeu Mani, António que se mostrou lascivo numa Lisboa ainda moirisca e sensual, Francisco de Assis que cresceu estouvadamente perdulário –, mas acabou por

se desfazer dele, dizendo preferir o pecado à santidade e o Adão expulso do Paraíso ao sibarita do Éden”. (Franco, 2000: 186)

Não admira, portanto, que a receção a estas obras, sobretudo em relação ao *São Paulo*, tenha sido alvo de hostilidade, nos meios religiosos e até intelectuais, provável razão que levou o autor a procurar defender-se e a esclarecer o seu “pensamento poético” em *O Homem Universal* (1937) e escrever, em 1951, *A Minha Cartilha*, publicada postumamente (1954), na qual “procurou explicar o modo como um conceito religioso da vida presidiu sempre às ideias sentimentais espalhadas na sua obra poético-prosaica” (Cf. Sá, 1999:27).

António Cândido Franco pormenoriza essa reação negativa vinda, até, de pessoas de quem se poderia esperar uma atitude mais objetiva:

A recepção do livro nos meios religiosos tem um historial interminável e proveitoso, principalmente para se perceber as resistências de leitura que o livro teve em Portugal. Tal conjunto de factos espera ainda o seu paleontólogo, capaz de escavar, desenterrar e arquivar todos esses fósseis, em muito maior número do que se esperaria a um primeiro relance. Mesmo um homem como o padre António Dias de Magalhães, que se viria mais tarde a notabilizar como inteligente intérprete da literatura de Pascoaes, não escapou a esta sanha contra o *São Paulo*, acabando por increpar, com aversão, o livro. Exautorou-o, dando razão ao escândalo dos católicos (*Brotéria*, 19, 1934) [...]

Fora dos meios religiosos, o *São Paulo* não teve melhor sorte e o único texto que na época conhecemos sobre ele, da autoria de Thomaz Ribeiro Colaço (in *Fradique*, 20, 21.6. 1934), é de uma violenta hostilidade. Pascoaes é acusado de incapacidade expressiva e convidado a escrever todo o seu livro ao contrário”. (Franco, 2000: 339-340)

Pedindo vénia pela intrusão, como deixar passar aqui em claro a reação que ainda hoje, passados que são 79 anos, subsiste nalgumas pessoas, relativamente ao *Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991) e ao seu autor José Saramago, que recebeu o Prémio Nobel da Literatura, em 1998 ?

Ao longo da obra do biógrafo de São Paulo, vários são os aspetos da sua relação com Deus e com a religião que, muito naturalmente, chocam os espíritos mais ortodoxos: a incerteza, a recusa do dogmatismo, do conformismo, da aceitação acrítica das ideias feitas, do imobilismo: “Andamos e não chegamos. O andar é tudo: princípio e fim. A questão é andar e não parar; subir o monte que sobe, à nossa frente, nimbado da anunciação dum Deus em perpétuo nascimento” (Pascoaes, 1959: 22).

Por isso ele se insurge contra aqueles que apenas se cingem ao cumprimento estrito da Lei, sem nenhum movimento de alma, sem inquietações nem quaisquer questionamentos, sem nenhum rasgo daquela Loucura salvadora e dinâmica a que o próprio apóstolo São Paulo se referia, nomeadamente na Epístola aos Coríntios: “Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens” (1 Cor 1:25).

A atitude de Pascoaes não é a pura negação de um ateu, é, muito pelo contrário, uma ardente busca do Sobrenatural, faminto de Absoluto que era. Só que essa busca não se realiza em conformidade com a ortodoxia católica, mas sim na afirmação, certamente recebida como provocatória, de uma heterodoxia que, para muitos, o aproximam do gnóstico, ou do maniqueísta (talvez, daí, o que o motivou desde logo a debruçar-se sobre a figura de Santo Agostinho que, num dado momento, se aproximou da escola dos maniqueus), ou da teologia negativa, ou do priscilianismo, tendência que terá tido forte influência na Península Ibérica e que ainda hoje permanecerá como um substrato na cultura galaico-portuguesa, marcando presença, nomeadamente, na obra de Pascoaes.

Mário Cabral, em *Via Sapientia – da filosofia à santidade*, enumera as várias influências que se cruzam na obra do escritor:

Há uma ambiência assaz arcaica no pensamento de Teixeira de Pascoaes, uma influência pré-socrática que convém referir, desde já: Anaximandro, o que não significa que o autor português tivesse consciência desta proximidade arquetípica com o filósofo de Mileto; não se encontra uma única referência a Anaximandro em toda a obra de Teixeira de Pascoaes, que revela conhecer Heraclito e Parménides. Anaximandro é uma espécie de sombra cultural, influência que faz parte de um quadro muito mais amplo, com ressonâncias neoplatónicas, órfico-pitagóricas, gnósticas, maniqueístas e mesmo hinduístas, linha genealógica que contrasta e por vezes choca com a Bíblia, a raiz maior e a citação mais recorrente e explícita, ao longo da reflexão pascoesiana. (Cabral, 2008: 103)

Desvenda-nos o autor destas hagiografias, ele próprio poeta e, também, sem dúvida, possuidor daquela rejeição do senso comum que o pode aparentar aos loucos aos olhos das pessoas “sábias”, a sua atitude perante a religião:

A religião interessa-me como Revelação instintiva ou consciente, (poesia pura e ciência pura); e não como regra de conduta. Deus não está nos preceitos da Moral, que é de origem social, um produto da vida em comum. Deus é, além de tudo, o Espírito criador [...]. Deus é o Espírito; e aspirar a conhecê-lo eis a suprema atitude religiosa. O conhecimento é que é identificação perfeita e amorosa convivência; é que é o amor divino. Mas conhecer não é um simples acto intelectual ou racional, restrito à área da existência: é um movimento de toda a energia viva que, em nós, se desenvolve; e, sendo viva, excede a morte ou a matéria. (Pascoaes, 1995.: 14-15)

E reconhece a inevitabilidade do desassossego que assombra a alma de quem não consegue esquivar-se àquele sentimento de incerteza que ele, várias vezes, afirma valorizar: “Como fugir de Deus, se a sua sombra nos persegue, dentro e fora de nós, antes e depois de tudo?” (*ibid.*: 74).

De novo neste texto encontramos, à semelhança do *Regresso ao Paraíso*, a rejeição do “velho Deus”, Jeová, que pecou ao criar o mundo imperfeito, e a adesão ao novo Deus, Jesus Cristo, arrependimento de Jeová feito carne, que veio redimir esse pecado: “Deus, sentindo a imperfeição da sua obra, não a pôde destruir. Noé salvou-se na barca. Resta apenas emendá-la, expiar o crime. É o significado do Calvário. Jesus é o remorso de Deus, o Filho” (*ibid.*: 15).



E, nesta ordem de ideias, também a Lei, entregue a Moisés no Sinai, está ultrapassada e impõe-se a sua renovação, ou não fosse ela “a vontade já empedernida dum velho Deus, criado no deserto, árido e hostil como todos os velhos e desertos. [Paulo] Libertou-se desse peso vazio, herança morta. *As coisas velhas passaram* (*ibid.*: 52-53).

O *São Paulo* retrata-nos a viagem iniciática do jovem judeu Saulo de Tarso, cidadão romano por benesse conferida a seu avô e à respetiva descendência por Pompeu, circunstância que veio a ser-lhe de grande proteção contra a prisão e contra as tentativas de assassinato que pendiam sobre a sua cabeça. Natureza incandescente, “O judeu terá nele uma vida intensa, mas efêmera. Será apenas um gesto do Passado neste poeta do futuro, todo amanhã e sempre” (*ibid.*: 35), pois que, no caminho para Damasco, “Saulo e a paisagem, duas brasas, dois fanáticos”, são surpreendidos por uma visão e uma voz que interpela: “Saulo, Saulo, porque me persegues?” e que irá mudar o curso da História: o milagre consuma-se.

Mas a transição, o corte com o passado não se fará sem dor: “Desde a execução de Estêvão, há dois princípios em luta dentro dele: o passado e o futuro, Jeová e Cristo, a Lei e a Graça” (*ibid.*: 47).

O enorme fascínio que a figura de São Paulo exerceu sobre Pascoaes (“Lucrécio e Paulo, os dois maiores intérpretes da Tragédia que tem dois actos: a morte e a vida, a máscara acesa e a apagada” (*ibid.*: 9) revela-se, desde logo, na abertura do prefácio:

As coisas da Natureza sempre tiveram, para mim, um grande encanto. Vivia-as como se vive a dor ou o amor. Agora, só me interessam as almas: a daquele campónio, a daquele mendigo, ou Napoleão, em Santa Helena, Hamlet, diante duma caveira, parodiando filosoficamente a atitude religiosa de S. Jerónimo; Lucrécio, o primeiro poeta da morte, ou Paulo de Tarso, o maior poeta da vida e da loucura, faminto de Deus, emagrecido até ao esqueleto, – esse fantasma que se apoderou da Humanidade. (*ibid.*)

Paulo e Lucrécio, poetas cada um a seu modo, mas contrastantes, pois a verdade é que é no jogo da luz e da escuridão que as coisas melhor se revelam:

Sempre Paulo e Lucrécio! – reafirma Pascoaes – O cantor da vida e o da morte! [...] Lucrécio encontra na desilusão a felicidade. Alcança tudo no regresso ao nada. [...] Mas a palavra de Paulo é o canto da nova ilusão ou da esperança. É na sombra de Lucrécio que a alma de Paulo se ilumina. A crença nasce da descrença, como a ciência da ignorância e a luz da treva. (*ibid.*: 144)

Pura retórica é a afirmação de que o seu interesse pelas “almas” se substituiu a todos os outros. A sua obra permanentemente o desmente, pois as descrições da Natureza ou dos ambientes irrompem constantemente no decurso da narrativa, embora sempre – é um facto – pelo que elas têm de simbólico ou metafórico, em sintonia ou divergência com a alma, como fatores que a revelam ou a moldam e lhe dão forma, ou nela desencadeiam sentimentos e emoções.

Atente-se no seguinte passo da viagem de Saulo em direção a Damasco:

Tudo conspira a favor de Jesus... até aquela árvore carregada de folhas verdes, e aquele hálito de frescura que bafeja a fronte de Saulo, e aquele murmúrio de água, entre as ervas. Mata a sede



e logo sente como um alívio espiritual. É uma alegria que lhe sobe aos olhos, encantada. E as coisas mostram-lhe outra cara; mudaram porque ele mudou também. (*ibid.*: 48)

Igualmente o aspeto físico dos intervenientes, na qualidade de instrumento de recriação dos ambientes e veículo de ideias, desempenha o seu papel expressivo. No Sinédrio, durante o julgamento de Estêvão, eis como o narrador interpela o leitor, para dar maior impressividade à cena, pondo em contraste as figuras demoníacas de uns contra a figura angélica do outro, o ódio contra o Amor, a prepotência dos poderosos contra a inocência indefesa:

Contemplai-o [a Saulo] louco de furor, no Sinédrio, entre os juízes de Estêvão, caras lívidas, de barbas eléctricas, chispando áscuas de ódio que se cravam na face angélica do réu. Este, uma criança ainda, *duma beleza sobrenatural*, defende-se mas não renega a sua crença; [...] (*ibid.*: 41) [...] A eloquência é palavra e a beleza imagem ilusória. Tem outra realidade o orgulho e o fanatismo, – dois sentimentos da mesma natureza dos penedos. Estão ali, no tribunal, o orgulho e o fanatismo. São esses juízes, – uns, apopléticos de indignação; outros, de magreza esquelética, enraivecidos, envoltos em ricos mantos de espanto. Condenam o anjo à morte. (*ibid.*: 42)

Pascoes dá largas à sua criatividade, preenchendo, pela imaginação e com os seus conhecimentos históricos, as lacunas documentais, que não esconde ao leitor, como se vê neste exemplo: “Os seus [de Paulo] primeiros e últimos tempos são duas névoas, entre as quais medeia um espaço limpo [...] os primeiros anos do apóstolo, esconde-os a névoa da manhã” (*ibid.*: 29) ou “A faixa escura ( de 24 a 37, ano do nascimento de Nero ) termina, de repente, num clarão sangrento, emanado do corpo de Estêvão, sob as pedras dos carrascos” (*ibid.*: 41), ou, ainda, sem ousar desta vez fantasiar, e recorrendo ao expediente da interrogação:

Quem sabe se ele esteve, no meio da plebe, diante da varanda de Pilatos, a pedir a morte de Jesus [...] ? Assistiria à coroação e à flagelação? Vê-lo-ia banhado em sangue, de cruz às costas, depa-  
rar com a Mãe, banhada em lágrimas? Vê-lo-ia dependurado do madeiro, crivado de golpes e de insultos? [...] Este silêncio de Paulo – comenta o narrador – é um mistério inquietante, que nos encobre a tragédia do Calvário. (*ibid.*: 38-39)

Num *continuum* em que se encadeiam os factos conhecidos com as coloridas e movimentadas recriações do meio ambiente, seja a paisagem natural ou a paisagem humana, decorre a infância e juventude de Saulo de Tarso, a condenação e morte de Estêvão, o caminho para Damasco, no decurso do qual ocorre o milagre da conversão, o retiro na gruta de Tarso, as viagens assombradas por violentas perseguições, maus tratos físicos e morais, as prisões: “Eterno andante, caminha sempre, contra a hostilidade judaica, contra as pedras e as bastonadas, contra as calúnias e as injúrias, contra todos os demónios ao serviço de Moisés e Tiago, esse irmão impossível de Jesus” (*ibid.*: 168).

E, também, a conquista de almas, a criação de pequenas igrejas nas cidades por onde passa, os encontros com companheiros, irmãos espirituais, o seu amor puro por “Lídia, a bem amada no Senhor” (cf. *ibid.*: 152), o trabalho como tecelão para prover ao seu próprio sustento.

Os passos da vida do apóstolo são outros tantos pretextos para Pascoaes emitir as suas reflexões filosóficas, como é o caso a propósito desta necessidade de prover à subsistência: “Cada um tem de sustentar o corpo em que foi obrigado a existir... Para quê? Para existir unicamente? A vida será como a arte pela arte?” (*ibid.*: 183).

Esta questão da subsistência e das esmolas, não apenas no que se refere a si próprio mas também aos seus companheiros, é muitas vezes referida em passagens das Epístolas, notando-se no apóstolo uma grande preocupação em salientar que não se quer tornar pesado às comunidades que evangeliza.

Pascoaes escreveu um dia:

Sem esta terra funda e fundo rio/ Que ergue as asas e sobe, em claro voo;/ Sem estes ermos montes e arvoredos/ Eu não era o que sou.

É nesta linha de pensamento que o narrador se detém em pormenor na descrição do ambiente que rodeou a infância de Saulo, à sombra tutelar do imponente Taurus, como ele próprio na do Marão:

O berço do apóstolo é a montanha e a planície, com uma nódoa podre no seio, – Tarso; podre, exala miasmas que estragam o seu corpo, enquanto o bafo do Taurus, puro e agreste, lhe introduz, na fronte, uma partícula de céu. [...] Paulo nasceu também de Tarso e da gruta solitária, que ainda existe, e da casa paterna, admiradora do Romano, divinizado na pessoa de César, para escândalo do Deus orgulhoso de Israel, – só ele e mais nenhum. (Pascoaes, 1959: 32)

A par das incursões na Natureza, ao longo da narrativa, também a descrição física do apóstolo assume uma presença quase obsessiva e não pode, até, deixar de surpreender a insistência com que Pascoaes salienta o seu aspeto enfezado e doentio: “Paulo era um génio enlouquecido, num corpo enfermo, abalado por ataques epilépticos.” – diz Pascoaes no prefácio (*ibid.*: 13). “Cristo é que aparece neste judeu enfermo, quase cego, ditando, por isso, as suas cartas” (*ibid.*).

E, mais tarde, quando Barnabé o apresenta a alguns dos companheiros do Messias: “Pedro, atónito e diminuído, contempla aquele homem, ainda novo, de aparência mesquinha e doentia; um rosto magro e amarelo, plantado de pêlos negros em desordem, sob uma testa saliente, grávida dum Deus. Paulo é uma caricatura sublime, ao lado de Pedro, que é uma estátua muito séria” (*ibid.*: 57).

Esta obsessão pelo aparência física reveste-se, como é típico do autor, de uma face e do seu oposto. Enquanto a secura do cumprimento da Lei sem amor seca os corpos (“Em Casareia, recebe-o [a Paulo], em sua casa, Filipe [...] que tem quatro filhas, votadas à castidade e à profecia. São magras e feias, de olhos pretos, umas caras de jejum, escondendo os corpos defeituosos nos vestidos mal talhados. [...] As castas donzelas enfezadas miravam e remiravam o grande apóstolo, mudas e amarelas” (*ibid.*: 4-205), o Amor de Paulo, essa labareda, agiganta-o apesar da sua pequenez física: “Paulo é cada

vez maior, conforme a nau se afasta da terra; essa nau [...] agora a nau evangélica, a nau eleita do Senhor” (*ibid.*: 203-204).

Já perto do final, o tema repete-se:

Por isso, o nosso apóstolo [...] Em Deus, glorifica o Espírito criador, e diviniza a Pobreza, no pobre dos pobres que é Jesus. Não era ele, Paulo, também um pobre? Pobre de corpo? Mas a inferioridade física, em certas pessoas, em vez de as deprimir, excita-lhes as faculdades espirituais. É uma compensação e uma vingança ... A perna aleijada de Byron fê-lo subir às maiores alturas da poesia. A pequena estatura de Bonaparte fez o Napoleão gigantesco, estátua enorme, com uma ilha por pedestal. E a fealdade de Paulo incendiou-se toda numa auréola, que lhe nimba a fronte, – estrada aberta para o céu, entre duas moitas de árvores... (*ibid.*: 299)

Já anteriormente, o autor afirmara: “O seu estilo bárbaro, incorrecto, os seus olhos oftálmicos, a sua aparência de judeu causavam certos murmúrios de irónico desprezo. Ele era já a Fealdade, Goya depois de Rafael ou Cristo depois de Apolo” (*ibid.*: 144).

Mas também reconheceu que, no reverso daquela fealdade física, existia o ser espiritual maravilhoso de verbo incandescente, com o coração cheio de Amor a Cristo e aos outros homens por amor d’Ele:

Paulo é um ser atraente e inquietante. Ao entrar numa cidade, corre, para ele, a multidão, a fim de o aplaudir ou agredir. Sob a influência do seu verbo, logo o amor se ilumina ou o ódio explode [sic] nos corações. Em volta da sua pessoa, não reina o marasmo nem a paz. (*ibid.*: 169)

Terá Pascoaes convivido mal com a sua própria aparência física? A propósito da escolha de Camilo para uma das suas biografias, interroga-se António-Pedro de Vasconcelos, na “Apresentação” à edição de 1985 de *O Penitente*: “Porquê Camilo? Porquê esse ser tão próximo e tão diferente de Pascoaes, em tudo, excepto na figura (e vale a pena ler o que ele escreve sobre a magreza ibérica), esse perpétuo andarilho ancorado em Ceide no fim da vida [...]?” (Vasconcelos, 2002: 13).

Note-se, de passagem, ter-se também Pascoaes “ancorado”, no fim da vida, no seu Gatão natal, como São Paulo, retirado durante uns tempos numa gruta, em Tarso, S. Jerónimo na sua gruta no deserto, e Napoleão forçado a “ancorar-se”, exilado, em Santa Helena.

Quanto ao ambiente da infância, descreve-nos, o narrador, o pequeno Saulo divagando pelas ruas de Tarso,

animadas dos mais variados transeuntes: Gálatas, Gregos, Egípcios, Romanos, Fenícios e Judeus; e certos personagens muito exóticos, de causar espanto nas crianças: alguns, nédios e fartos, duma gordura alegre e filosófica; outros, de túnica rapada, magros, a barba inculta e um ar de pedra no rosto.

Eram os epicuristas e os estóicos [...] duas seitas ou partidos, em perpétua luta.

[...] Paulo crescia nesta atmosfera suja e literária. (Pascoaes, 1959: 30-31)

Aos 14 anos, a fim de estudar para se tornar um rabi, segundo a vontade do pai, Saulo parte de Tarso para Jerusalém, “com o rumo da velha cidade, escura e fechada contra o mundo,

por três muralhas, que são nuvens de trovoadas empedernidas, sob uma atmosfera asfixiante, propícia às febres nervosas da loucura” (*ibid.*: 33).

Do ano de 24 até à Primavera de 37 (ano do nascimento de Nero, lembra Pascoaes) depara-se o biógrafo, pois, com uma “faixa escura” durante a qual o futuro apóstolo terá vivido na cidade santa, “Jerusalém, capital do Inferno, casta e fechada. Conviveu com demónios, muito tempo. O fanatismo é contagioso e demoníaco [...] e os seus nervos susceptíveis agravaram a doença” (*ibid.*: 41).

Mas essa “faixa escura” estava prestes a chegar ao fim, visto que “A sua hora aproxima-se, a hora do martírio de Estêvão, a hora sublime do Pecado” (*ibid.*: 40).

A partir daqui, a sombra do mártir jamais o abandonará, e surgirá, como num refrão, ao longo de toda a narrativa, a par de Timóteo, “o mais íntimo companheiro do apóstolo”: “Paulo caminhará, sempre, entre a sua figura angélica e a de Estêvão: dois anjos; um de carne e outro de dor”; “dois anjos: um de luz, que é Timóteo, o outro de sombras, que é Estêvão” (*ibid.*: 98 e 122, respetivamente. A mesma ideia repete-se, também, a páginas 191, 200, 204, 208, 223, 244, 250, 257).

Elementos fundamentais do pensamento de Pascoaes, além da relação, em três termos, luz/escurecimento/sombra ou penumbra (o problema não é ser ou não ser, é que ‘tudo é e não é ao mesmo tempo’) e das dicotomias presença/ausência, lembrança (=Passado)/esperança (= Futuro), assumem papel de suma importância, como fatores desencadeantes da ação, os pares pecado/remorso e loucura/razão.

É pelo pecado e pelo remorso que o Homem se eleva acima da sua própria condição e se salva: “Pedro só o sentimos quando chora, arrependido. Nem Cristo edificaria a sua igreja sobre uma pedra que não fosse lavada pelas lágrimas” (*ibid.*: 258):

Jesus é o remorso de Deus [...]. Paulo [...] Repetiu a tragédia divina em drama humano. Identificou-se ao Criador e ao Redentor. [...] Só vivemos, depois do crime e do remorso, depois do sofrimento amoroso (*ibid.*: 15-16).

Depois da frase impecável e luminosa de Platão, a frase de S. Paulo, bárbara, elevada ao rubro. Aqueceu-a no brasão do remorso, no fogo do inferno; e entoando no céu, comove a terra. O crime deu-lhe o conhecimento da Origem; e o remorso desvendou-lhe a finalidade da nossa existência, que é aperfeiçoamento ou redenção. O crime deu-lhe asas para subir ao Paraíso; o remorso deu-lhe ouvidos para ouvir a Palavra inefável e divina, que ele transmitiu aos seus irmãos. *O remorso é a dor conforme Deus, a dor que produz o arrependimento e nos salva*, como ele próprio diz, numa intuição sublime do profundo e trágico sentido do Cristianismo. (*ibid.*: 23)

Contudo, Paulo não podia contentar-se em ser salvo, tinha que obedecer à voz que, no seu íntimo, no silêncio da sua alma apaixonada por Cristo, lhe ordenava que partisse a anunciar a palavra divina aos seus irmãos: “Paulo será por Jesus [...] apaixonadamente. A força do ódio [que o fazia perseguir os cristãos] muda de qualidade, mas não de intensidade; [...] muda de direcção” (*ibid.*: 52).

Após dois anos consigo mesmo, na gruta de Tarso, que lhe falta? “Mostrá-lo aos homens.” (*ibid.*: 63). “A sua missão é revelar, a todos, Jesus Cristo, esse fantasma da sua angústia” (*ibid.*: 123) e parte a cumpri-la, esse “Poeta da loucura”, como Pascoaes repetidamente se lhe refere.

Detenhamo-nos na definição de “Loucura” que se encontra no *Vocabulaire européen des philosophies*, no artigo que tem por título “Folie” :

Le vocabulaire de la folie obéit dans la plupart des langues à deux modèles bien distincts. D’une part, un modèle positif, qui fait de la folie une entité à part entière, susceptible des plus hautes valorisations: ainsi de la *mania* grecque et, dans un autre registre, de la *furor* latine, qui indiquent un état d’exception; on les retrouvera dans la modernité littéraire au plus près de l’inspiration, de l’enthousiasme ou du génie, au plus près aussi de la Schwärmerei, cette extravagance par laquelle Kant désigne aussi bien le délire de Swedenborg que celui de l’idéalisme dogmatique. D’autre part, un modèle négatif ou privatif: la folie, le fou sont hors ou à côté de la raison, voire de la sagesse (*aphrôn*, *insipiens*, *insania*, *dementia*, d’où nos termes *insanité*, *démence*, *paranoïa* et autres; la déraison risque alors d’être mal distincte de l’irrationalité (la folie est une idiotie, *stultitia*), ou de l’immoralité (*l’aphrôn* [ἄφρων] est le contraire du *phronimos* [φρόνιμος], du sage moralement avisé). (Auvray-Assayas, 2004.: 449)

Existe em muitos grandes artistas, pessoas dotadas de excecional sensibilidade, uma espécie de angústia ou inquietação que, a par de um sentimento gratificante da sua própria genialidade, lhes dá consciência de que os habita aquela *mania* ou *furor* a que se refere o artigo acima citado e que eles sentem estar bem próximo da insanidade<sup>1</sup>. Uma tal angústia está muito patente nos inúmeros textos do espólio de Fernando Pessoa reunidos nos volumes dos *Escritos sobre Génio e Loucura*. Trata-se de reflexões pessoais, apontamentos ou comentários a obras que leu sobre o assunto. Alguns contêm a indicação “Genio e loucura” no cabeçalho, embora nem sempre assim seja; contudo, tornava-se bastante claro para os organizadores do espólio que, dado o seu teor, pertenciam a esta área de pesquisa do poeta, como se pode ajuizar pelos seguintes exemplos:

Texto nº 149

Nietzsche era doido. Como Christo.

Qual a função dos doidos – ou dos genios-doidos nas transformações sociaes?

A humanidade é uma semi-loucura vivida por loucos completos.

Transformação dos “valôres” como diria Nietzsche.

Texto nº 151

Genio e loucura

(Moreau, de Tours) (Et[ienne] Rabaud)

[...]

O genio manifesta-se especialmente nitido quando a nevrose é de especie *a convergir com as qualidades superiores*, isto é, quando a nevrose impulsiona o espirito *na mesma direcção que as*

<sup>1</sup> Veja-se, a este respeito, a referência ao artigo de Abel Salazar, “O ducto caracteriológico e pseudo-filosófico de Coimbra e Pascoaes”. (Borges, 208:15, nota 1).

*qualidades superiores*. E é por isto que tão frequentemente encontramos a grande psycho-nevrose motora, a epilepsia, nos homens de acção, sobretudo de acção militar, que é o maximo da acção.

O impulso epileptico favorece:

- a) a acção, porque a epilepsia é essencialmente a nevrose *motora*.
- b) o trabalho do inconsciente, porque é a psycho-nevrose que produz a mais completa utilização da consciencia;
- c) as formas mais anti-sociais do genio, porque é a nevrose essencialmente annulladora da co-sensibilidade, mais endurecedora do espirito [...]

(Pessoa, 2006: 130-131)

Este último texto convoca um problema particularmente interessante que consiste na alusão à epilepsia neste contexto de génio aliado à loucura. Pascoaes refere mais de uma vez que uma das enfermidades que afligia São Paulo era a epilepsia. Contudo, não me foi possível encontrar nenhuma prova desse facto na documentação a que me foi dado aceder, embora muitos o admitam.

São Paulo, ele próprio, nada diz que possa indicar que sofria desse mal. Numa afirmação de humildade, em que afirma “de mim só gabarei as minhas fraquezas” (2 Cor 12,5), tudo leva a supor que tivesse em mente tão só fraquezas espirituais. Na Epístola aos Gálatas, isso sim, é muito explícita a condição física, mas parece referir-se apenas à cegueira e ao aspeto desagradável que teriam os seus olhos doentes:

Mas sabeis que foi por causa de uma doença corporal que vos anunciei o Evangelho pela primeira vez. Embora o meu corpo fosse para vós uma provação, não reagistes com desprezo nem nojo. Pelo contrário: recebestes-me como um anjo de Deus, como a Cristo Jesus.

Onde estava, pois, a vossa felicidade? Sim, disto eu sou testemunha a vosso favor: se tivesse sido possível, teríeis arrancado os vossos olhos para mos dar. (Gl 4, 13-15)

Regressemos ao tema da loucura e ao *Vocabulaire européen des philosophies*:

C'est chez l'apôtre Paul qu'est décrite la situation paradoxale en vertu de laquelle la foi chrétienne serait une forme de folie radicalement opposée à la raison et à la sagesse communes (1 Cor 23-25) [...] Paul ajoute (1 Cor 3,18): 'Si quelq'un parmi vous croit être sage à la façon du monde, qu'il se fasse fou (*môros genesthō* [μωρός γενέσθω] – *stultus fiat*)'. Et toujours dans la même épître (4, 10): 'Nous sommes fous ( [ἡμεῖς μωροὶ] – *nos stulti*), nous, à cause du Christ.' [...] Traduit dans la Vulgate par *stultitia*, *môria* vient en composition, dans le vocabulaire grec, avec *sophos* [σοφός] et *phrôn* [φρῶν] pour donner *môrosophos* [μωρό-σοφος] et *môro-phrôn* [μωρό-φρων], termes signifiant aussi bien 'follement sage' que 'sagement fou' comme s'ils étaient particulièrement aptes à expliciter le paradoxe paulinien. (Auvray-Assayas, 2004: 454)

Paulo de Tarso tal como o São Paulo com os traços que lhe emprestou o biógrafo, incendiados ambos pelo mesmo *furor* dinamizador, dão corpo a essa 'loucura sábia' ou essa 'sabedoria louca' que os impele a perseguir sempre, sem desfalecimentos, a missão para que foram chamados, por uma visão ou por uma voz interior que os interpelava, de levar Cristo

através da sua ação evangelizadora a judeus e gentios, vencendo cansaço, dores, maus tratos, humilhações, prisão e ameaças de morte.

Também Erasmo, no *Elogio da Loucura*, se refere à força dinamizadora desta e ao modo como se articula com a sabedoria, num registo muito próximo do de São Paulo:

Vou provar que à sabedoria perfeita, que é tida como a cidadela da felicidade, só se consegue chegar pela loucura.

É evidente que todas as paixões dependem dela. O que distingue o louco do sábio é que o primeiro é guiado pelas suas paixões, que os outros consideram doências. Contudo elas servem de guia aos pilotos experientes, para conseguirem alcançar o porto, e, mais ainda, nos caminhos da virtude estimulam o homem, orientando-o na direcção do bem. (Erasmo, 2002: 54-55)

Na caracterização de pessoas ou comportamentos, os termos ‘loucura’ e ‘louco’ ocorrem frequentemente nos relatos históricos, nos textos transmitidos por Eusébio de Cesareia, mas sempre em sentido pejorativo, como nestes exemplos:

[os torturadores] exercitavam seu **louco** orgulho (Eusébio, 2002, Livro III, VI, 9); [Licínio], no cúmulo de sua **loucura**, procedeu contra os bispos. (*ibid.*: Livro X, cap. VIII, 14); Neste tempo, também aquele **louco** [...] proclamando-se a si mesmo Paráclito e Espírito Santo em pessoa, inflado pela sua **loucura** (*ibid.*: Livro VII, XXXI, 1); realmente corro o risco de cair em grande **loucura** e estupidez (Dionísio, *apud* Eusébio, Livro VII, XI, 2); estou cansado desta grande **loucura** em que vou caindo por culpa de Germano (*ibid.*: 19) (negritos meus)

Não seria possível proceder a uma busca exaustiva nos textos da época, quanto mais não fosse porque muitos deles já nem existem ou não estão acessíveis, mas talvez não seja ilegítimo postular, embora com as devidas reservas, a hipótese de que o discurso reiterado de São Paulo (já exemplificado anteriormente) sobre a relação entre sabedoria e loucura, a valorização desta, nomeadamente, como um atributo de Cristo, constitua uma característica original do pensamento do grande apóstolo, que ele convoca insistentemente na Primeira Epístola aos Coríntios. Um exemplo que constitui uma excelente sùmula do pensamento do apóstolo ocorre em 1 Cor 3:18: “Ninguém se engane a si mesmo: se algum de entre vós se julga **sábio** à maneira deste mundo, torne-se **louco** para ser **sábio**. Porque a **sabedoria** deste mundo é **loucura** diante de Deus” (negritos meus).

Mas os exemplos multiplicam-se:

A linguagem da cruz é certamente **loucura** para os que se perdem, mas para os que se salvam, para nós, é força de Deus. (1 Cor 1: 18). Acaso não tornou Deus **louca** a **sabedoria** deste mundo? (*ibid.*: 20) [...] aprovou a Deus salvar os que crêem, pela **loucura** da pregação (*ibid.*: 21). [...] nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e **loucura** para os gentios. (*ibid.*: 23). Portanto, o que é tido como **loucura** de Deus, é mais **sábio** que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus é mais forte que os homens (*ibid.*: 25). Mas o que há de **louco** no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte: / O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são



alguma coisa (*ibid.*: 27). Ninguém se engane a si mesmo: se algum de entre vós se julga **sábio** à maneira deste mundo, torne-se **louco** para ser **sábio**. (negritos meus)

A loucura é sempre um excesso, que tanto se pode manifestar num paroxismo dos sentimentos e das atitudes mais nobres, num amor ao próximo pronto a todos os sacrifícios, numa generosidade sem limites, na renúncia sublime aos prazeres materiais na prossecução de um ideal, como, pelo contrário, num excesso dos sentimentos e das atitudes negativas, seja no ódio implacável, no egoísmo feroz, na concupiscência desenfreada pelo poder, pela riqueza, ou pela entrega desvairada aos prazeres da gula e da luxúria.

Também para o biógrafo, é “loucura” a insensatez leviana da Primavera “que continua a tentar o apóstolo de Cristo. Borda-lhe a estrada de flores [...] A louca não distingue. Para ela é tudo a mesma terra a encher de flores (*ibid.*: 260). Ou então a fúria cega dos elementos da Natureza:

Os outros passageiros [do navio] ouviam apenas o choque das vagas no casco frágil, balouçando doidamente, a meter água, e o assobiar do vento nas cordagens distendidas e afinadas pelas garras dos demónios, soltos, no ar, em bandos. Ainda se fossem demónios? Mas não; era a loucura gélida e cega dos elementos, na qual sentimos não sei que ausência trágica de Deus! (Pascoaes, 1959:241)

Pascoaes, com a sua arte inexcedível de tirar partido dos contrastes, ilustra bem as duas faces desse ímpeto que caracteriza a loucura – a positiva e a negativa – que conduz a um estado de embriaguez, a uma euforia, que eleva o sujeito acima do senso comum e da razoabilidade – “O excesso de existência carnal em que o mundo antigo delirou, tinha de provocar a reacção fatal, outro excesso oposto” (*ibid.*: 263) que já se anuncia:

O mundo muda no subsolo, ocultamente. Cá em cima, nos palácios [...] O banquete continua ainda. Chovem flores sobre os convivas, que emborcam taças e taças de falerno. Mas os vinhos já sabem a água, como as flores a Outono. Em redor dos leitos luxuosos, bailam corpos nus, desmaiados, quase espectros. Bailam ao som de flautas e avenas, que entristecem. As lucernas bruxuleiam e lembram luzes místicas de lâmpadas. O incenso exala-se de turíbulos de prata, como numa futura catedral, essa enorme sala de jantar reduzida à ossatura arquitectónica e desnuda, com dois fantasmas lá dentro: o jejum e a penitência. (*ibid.*: 295)

Como o biógrafo do apóstolo faz notar, a loucura de Nero incendeia Roma e a de Paulo incendeia as almas: “Impressionar as almas é o ideal de Nero e de São Paulo, o Cristo e o Anticristo” (*ibid.*: 303).

Ler – reler – Pascoaes é uma fonte permanente de fascínio e de encantamento, com o seu estilo fulgurante, com os seus aforismos e anexins originais e cheios de argúcia, os paradoxos, as antíteses, as hipérboles, metáforas, sinestesias, de que se serve para traduzir certos *topoi*, tais o desconcerto do mundo, certos *Leitmotive*, como a saudade da origem, a presença que é ausência ou a ausência que é presença, a realidade evanescente, a energia dinamizadora da loucura, através, tudo, de um ritmo encantatório e com intensos momentos de lirismo.

Roma arde ou, como uma fénix renascida, “Arde a Roma de Augusto, para que se edifique a Roma de S. Pedro” (*ibid.*: 337). A vida de São Paulo, na Terra, chega ao fim. Diz a

tradição que o apóstolo foi decapitado, no caminho de Óstia, e isso mesmo confirma Eusébio, evocando o testemunho de “um varão eclesiástico chamado Caio, que viveu quando Zeferrino era bispo de Roma” (Eusébio, 2002, Livro II, Cap. XXV. 6) e o de “Dionísio, bispo de Corinto, em sua correspondência escrita com os romanos” (*ibid.*: 8).

Mas isso não poderia aceitar o poeta e biógrafo do “divino Poeta da Loucura”:

Paulo não podia morrer, como Pedro. Desapareceu nas alturas, donde recebera a inspiração. O seu amor a Jesus Cristo alcançou a Eternidade e todos os atributos de Deus. Paulo é imortal em Jesus Cristo. Não morreu, desapareceu. Aparecer é ganhar forma no espaço e duração, no tempo. Desaparecer é ficar invisível simplesmente. (Pascoaes, 1959:342)

## Bibliografia

- AUVRAY-ASSAYAS, Clara, et al. (2004). “Folie”. In CASSIN, Barbara (Dir.). *Vocabulaire européen des philosophies*. Tours: Éditions du Seuil, Dictionnaires Le Robert.
- BORGES, Paulo (2008). *O Jogo do Mundo. Ensaio sobre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa*. Lisboa: Portugal Editora.
- CABRAL, Mário (2008). *Via Sapientia – da filosofia à santidade*. Lisboa: INCM.
- ERASMO (2002). *Elogio da Loucura*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- EUSÉBIO DE CESAREIA (2002). *História Eclesiástica*. Tradução brasileira de Wolfgang Fischer. São Paulo-SP: Editora Novo Século LTDA. Edição on-line.
- FRANCO, António Cândido (2000). *A Literatura de Teixeira de Pascoaes*. LISBOA: INCM.
- PASCOAES, Teixeira de (1959). *São Paulo*. Lisboa: Edições Ática.
- PESSOA, Fernando (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. [Vol.I]. Edição de Jerónimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa VII. Lisboa: INCM.
- SÁ, Maria das Graças Moreira de (1999). *O Essencial sobre Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: INCM
- VV.AA. (2003). *Bíblia Sagrada*. Texto da 4ª edição revista. Lisboa: Difusora Bíblica

.....

## RESUMO

Afirma Pascoaes que o pecado e o remorso são mais fecundos do que a virtude e é a partir desta convicção que ele constrói a biografia do jovem judeu Paulo de Tarso, implacável perseguidor dos cristãos, que, na sequência da morte de Estêvão, primeiro mártir, teve uma visão na qual Deus o interpelava. Convertendo-se, tornou-se no apóstolo Paulo, o divino Poeta da Loucura, na expressão de Pascoaes e, com a mesma loucura apaixonada com que antes O combatia, passou a defender Cristo e a levar a Sua palavra a judeus e pagãos, vencendo cansaços, humilhações, maus tratos e a prisão, até sofrer ele próprio o martírio. Na primeira Epístola aos Coríntios, Paulo recomenda: “se algum de entre vós se julga sábio à maneira deste mundo, torne-se louco para ser sábio” (1 Cor 3, 16-23).

## ABSTRACT

Pascoaes claims that sin and remorse are more prolific than virtue. Based on this belief, he constructs the biography of the young Jew Paul of Tarsus, merciless persecutor of the Christians, who, after the death of Steven, the first martyr, had a vision in which God addressed to him. He was then converted and became Paul the Apostle, the divine Poet of Insanity, as Pascoaes calls him. And with the same passionate insanity he had put in chasing Him, Paul began to defend the Christ and spread His teachings to both Jews and pagans, regardless of fatigue, punishment or imprisonment, until he was made a martyr himself. In his first Epistle to the Corinthians, Paul proclaims that “If any one among you considers himself wise in this age, let him become a fool so as to become wise” (1 Cor 3, 16-23).

